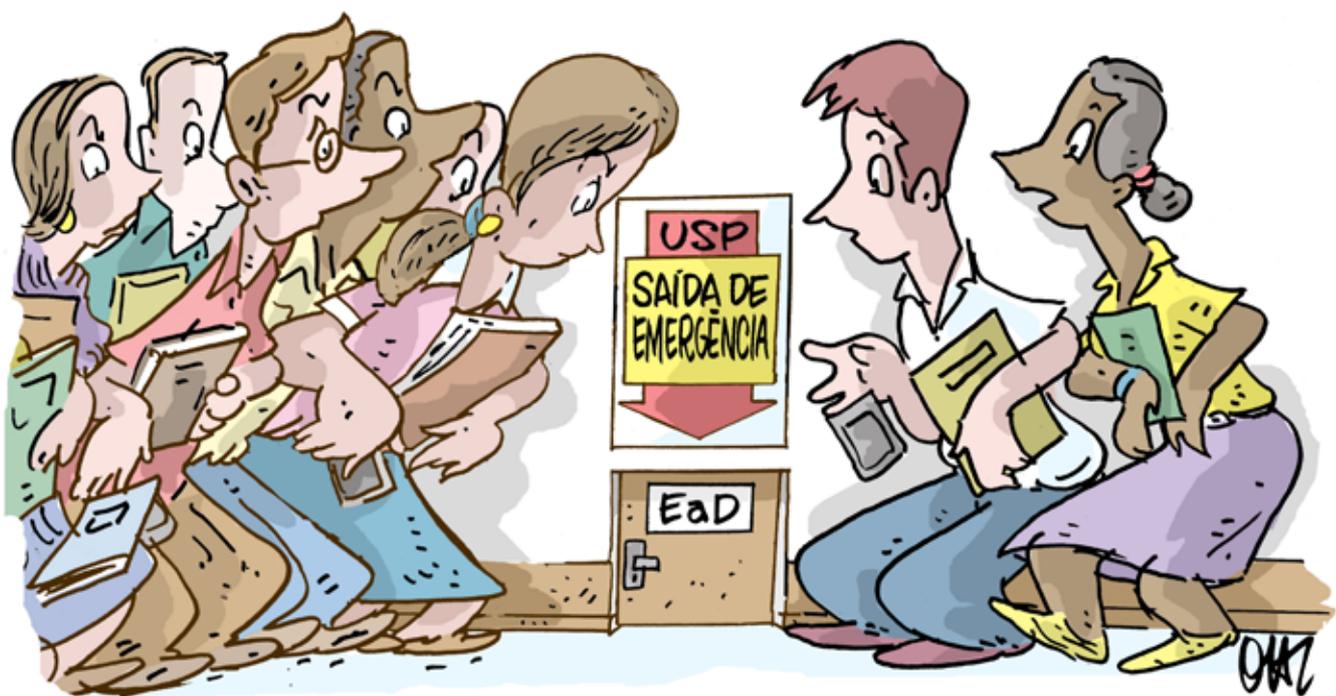


ENSINO DE EXCEÇÃO NA USP¹

Lincoln Secco

*“A tribulação produz a paciência,
e a paciência a experiência, e a
experiência a esperança” (Rm., 5:3-4)*



*Qualquer que seja o nome, agora a “coisa” é a mesma: substituição da aula presencial. Por isso é imperioso declarar que adotamos o ensino remoto em caráter emergencial e sem a qualidade que uma Faculdade de Filosofia exige. E imagino que o mesmo valha para todas as unidades da USP. Para alguns, a normalização do ensino não presencial nas faculdades privadas exige que a USP tome a mesma saída, para não reforçar o estereótipo de que nossos **campi** são agregados de maconheiros e ociosos. Não acredito que possamos convencer fascistas nos igualando a eles*

A Epidemia que nos assola em 2020 tem potencial e duração incertos, entretanto é provável que a nossa geração e talvez as mais novas vivenciarão uma revolução profunda, diferente das revoluções políticas que derrubam governos, mas semelhante àquelas que transformam o cotidiano, como as guerras mundiais ou o Maio de 1968.

A mudança não necessariamente será para um mundo melhor e desde já intelectuais públicos discutem se haverá um aprofundamento das políticas neoliberais para cobrir os custos da recessão dos mais pobres; se na Europa o neofascismo vai liderar uma defesa regressiva do Estado, a permanência das técnicas policiais de confinamento e a vigilância permanente; se a sociedade vai exigir um novo *Welfare State*; se teremos, como na época da gripe espanhola, uma onda de greves e lutas sociais etc.

A única certeza que temos é que nenhum cenário está dado de antemão. O porvir depende das escolhas que faremos agora, embora elas sejam estrangidas pela correlação de forças sociais existente. É surpreendente ouvir de intelectuais admiráveis a expressão “inevitável” ou que estamos num momento excepcional que exige medidas de “exceção”.

Nas universidades públicas onde, *malgré tout*, as hierarquias são mais democráticas do que nas privadas, há uma profunda discussão sobre a substituição das aulas presenciais. Dou o exemplo do Departamento de História da USP, onde a chefia e a coordenação do curso não aceitaram de afogadilho outras maneiras de ensino. Elas sabem que nossos cursos são feitos com discussão conjunta de textos e livre troca de ideias. E isso extrapola a sala de aula, envolve reuniões, debates, grupos de estudos, vivência conjunta, o movimento estudantil e tantas outras coisas.

Ora, se tivéssemos que escolher uma única lição aprendida na nossa Faculdade de Filosofia é a de que a forma significa. E isto não é trivial. Um autor cuja citação se tornou condenável diria que a separação entre forma e conteúdo é meramente didática, “porque as forças materiais não seriam concebíveis historicamente sem forma e as ideologias seriam caprichos individuais sem as forças materiais” (Gramsci, *Caderno VII*, &21). Por trás do fetiche das técnicas (funciona bem? não funciona?), o processo de ensino-aprendizagem continua a ser uma relação social. E a forma que essa relação vai assumir tem significado em si mesma.

Não quero dizer com isso que não tenhamos que dar aulas remotas por uma determinação administrativa; que retomar, sob uma epidemia, aulas com 100 ou mais alunos, em salas e anfiteatros sem janela, não seja insalubre (e era bom antes?); que orientar discentes em gabinetes minúsculos sem ventilação seja razoável. Mas até a tradição sindical, com todos os seus limites, nos ensina que é preciso resistir antes de negociar.

“Ao aderir individualmente ao ensino remoto para nos livrarmos de disciplinas e resolvermos nossos prazos pessoais, favorecemos a ideia de tornar a exceção uma regra. O Governo irá considerar que o aumento de produtividade tornará supérfluos muitos docentes”

Uma vez que outras modalidades de ensino se impõem é imprescindível um compromisso oficial da USP com o caráter transitório delas. Nossas alunas e alunos devem ser informados que há perdas irreparáveis. Devemos também refletir sobre os meios e lembrar que eles modificam o conteúdo. A aula não é um pacote de informações transmitido e sim a escultura coletiva do conhecimento. Assim como as redes sociais e o WhatsApp modificaram o significado da política e substituíram o debate por uma disputa orientada por algoritmos e *fake news*, as aulas são profundamente alteradas sem a nossa convivência universitária.

Há uma diferença conceitual entre EaD e outras maneiras de ensino *online*. O ensino remoto existiu antes da Revolução Informática, mas jamais substituiu os cursos tradicionais de maior densidade formativa. Além disso, a diferença não pode se reduzir a uma questão bizantina. Qualquer que seja o nome, agora a “coisa” é a mesma: substituição da aula presencial. Por isso, é imperioso declarar que adotamos o ensino remoto em caráter emergencial e sem a qualidade que uma Faculdade de Filosofia exige. E imagino que o mesmo valha para todas as unidades da USP.

Para alguns, a normalização do ensino não presencial nas faculdades privadas exige que a USP tome a mesma saída, para não reforçar o estereótipo de que nossos *campi* são agregados de maconheiros e ociosos. Não acredito que possamos convencer fascistas nos igualando a eles.

Aprendemos com a História que inovações surgidas em momentos excepcionais se rotinizaram: desde o *zipper*, o *nylon* e a comida enlatada até os computadores e a bomba nuclear. Cada uma com suas virtudes e perigos. As medidas de exceção do Estado também podem se perenizar, como advogava o jurista nazi Carl Schmitt.

Ao aderir individualmente ao ensino remoto para nos livrarmos de nossas disciplinas e resolver nossos prazos pessoais, favorecemos a ideia de tornar a exceção uma regra. O Governo de São Paulo irá considerar que o aumento de produtividade (a palavra é essa mesma) tornará supérfluos muitos docentes; e que nosso regime de dedicação

exclusiva poderá ser revisto. E se a opção for individualista, tenhamos consciência de que sacrificaremos nossos colegas submetidos a contratos precários que dedicaram suas vidas à pesquisa e aguardam seus concursos.

A tarefa primordial agora é cuidar-se; sobreviver física e psicologicamente; e esperar. Mas a nossa esperança não está num *Deus ex machina*. Muito menos num salve-se quem puder. Ela é aberta à mudança social e exige de nós o engajamento militante.

Notas

- 1 **Nota da Redação.** Artigo publicado originalmente no boletim *Maria Antonia*, do Grupo de História e Economia Política da USP (Gmarx), nº 10, abril de 2020, e posteriormente (17/4/2020) no *Informativo Adusp* digital. O professor Secco atualizou o texto para a presente edição.
- 2 Professor do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP)